

Presidente evita falar em reajuste

Nelson Oliveira e
Sylvio Costa
Da equipe do Correio

Reajuste salarial não é sinônimo de aumento do poder de compra. Com este argumento, o presidente Fernando Henrique Cardoso se recusou ontem a assumir qualquer compromisso com o aumento do salário mínimo, efetuado sempre no mês de maio.

“O meu compromisso, o meu empenho, é fazer com que a capacidade de compra aumente, e não receber apoio para ter aumento que depois não vai dar resultado efetivo”, disse o presidente.

Respalado por dados que demonstram que a queda da inflação aumentou o poder de compra dos assalariados, Fernando Henrique condenou as negociações salariais que tomam por base a correção dos salários pela inflação passada.

Mentalidade — “O que eu não quero mais é mentalidade inflacionária. O Plano Real deu, não tomou. Não tem que repor nada”, afirmou.

Dizendo que o funcionalismo federal teve em 1995 um ganho real médio de salários de 17%, ele admitiu a possibilidade de só alguns servidores, com defasagem salarial em relação ao setor privado, terem reajuste este ano.

Ele poderia ser pago, conforme sugeriu, “por etapas”. Para o presi-

dente, a defasagem acontece entre os funcionários mais especializados. “Os servidores públicos de menor especialização ganham mais do que aqueles que trabalham no mercado”, disse Fernando Henrique.

Crescimento — Cuidadosamente preparada por sua assessoria de comunicação, a entrevista coletiva de ontem do presidente da República foi mais que um simples balanço do seu primeiro ano de mandato.

Fernando Henrique deixou claro que não se satisfaz em ser reconhecido apenas como o presidente que conseguiu reduzir a inflação.

Quer associar o seu nome à imagem do presidente que também tem um projeto de crescimento econômico e de melhora do quadro social do país. Nesse sentido, prometeu anunciar em março “um amplo programa social”.

Quanto ao crescimento, anunciou a meta de expansão da taxa de investimento na economia para 25% do Produto Interno Bruto (PIB), nível atingido somente nos anos 70. Também prometeu R\$ 96,3 bilhões em investimentos da União até 1999.

“O governo não vai proceder com ziguezagues, nem vai assustar ninguém, e também não vai se assustar por qualquer grito que ocorra aqui ou ali, porque está consciente de que tem apoio popular e está encaminhando o país na direção correta”, afirmou.